

Introdução

...Cada romance tem as suas recordações à margem das aventuras que conta, cada um vai crescendo com o tempo, corrigindo-se com o corpo e a voz do homem que o escreveu. Isso, as memórias ligadas a uma obra e a certeza de a trazermos continuamente conosco, suspensa, inacabada, é que tornam feliz a arte de escrever.

José Cardoso Pires

Duas questões nortearam a escrita desta tese. A primeira delas relaciona-se a uma afirmação de José Cardoso Pires, de que a ditadura salazarista provocou, nos escritores portugueses do século XX, uma espécie de “remorso do tempo”¹. Segundo o autor, este fenômeno é correlato ao que chamou de uma “verdadeira chacina cultural” promovida pelo Estado Novo português.

Deste modo, as toneladas de textos e textos destruídos pelo Índex português do século XX não são apenas o testemunho de uma chacina cultural.²

A partir desta constatação feita por Cardoso Pires, iniciei minha pesquisa buscando compreender, a partir da trajetória do próprio autor, as relações entre os escritores e a vida pública em Portugal ao longo do século XX, evidenciando suas estratégias de escrita, seus principais temas e a montagem de suas redes de solidariedade.

Desta primeira parte da pesquisa surgiu a imagem de uma geração, intitulada pela historiografia literária portuguesa de geração neo-realista, que compreendi estar unida não apenas por filiações partidárias e/ou literárias, mas

¹ “Mas na morte de qualquer escritor português digno desse nome pesa sempre um remorso do tempo, sempre.” José Cardoso Pires, *E Agora, José?*, Lisboa: Dom Quixote, 1999, p. 83

² José Cardoso Pires, *E Agora, José?*, Lisboa: Dom Quixote, 1999, p. 170

por um traço comum - o anti-fascismo. Ainda na esteira das leituras realizadas por Cardoso Pires sobre os escritores do período, percebi ser o sentimento de “incomodidade” o que os irmanava. São palavras suas:

Uma tal inquietação que significa? Que representa este incessante alargar de vistas por uma Pátria tão carregada de tonalidades dramáticas que a cada canto oferece um cenário de epopéia? Que compromisso vem daí para uma geração que nesse momento constrói a sua voz poética sob o signo da *Incomodidade* (J.Namorado) quotidiana?³

A geração da incomodidade, portanto, é formada por autores de caligrafias pessoalíssimas embora irmanados na postura da inconformidade com seu período histórico. São autores que ousaram continuar a escrever em um país cuja política cultural os via como uma grande ameaça, e que tentaram equacionar, ao longo de suas vidas, pólos aparentemente apostos de atuação – ação e contemplação, escrita e vida, criação e reação.

Desde as minhas primeiras leituras sobre o período, uma questão presente nos textos destes escritores, me chamava a atenção – eram todos autores que questionavam incansavelmente o próprio fazer literário, o lugar da literatura e da leitura na sociedade. Eram todos “herdeiros de Quixote” na medida em que insistiam no duplo movimento de reler a tradição e, ao mesmo tempo, romper com ela, suspeitando sempre das verdades cristalizadas, fazendo desta desconfiança um procedimento de leitura do mundo, criando com isto, um “espaço privilegiado de incerteza”⁴.

O grande marco revolucionário de 1974 de certa forma fragmentou o campo literário português, uma vez que eliminou aquilo que os unia, o antifascismo, e expôs suas fragilidades enquanto segmento na sociedade. Neste

³ José Cardoso Pires, “Uma incomodidade deliberada”, In: *Dispersos 1*, p, 88

⁴ A expressão herdeiros de Quixote me foi sugerida a partir da leitura do verbete “Quixote” no volume *Este é meu credo*, de Carlos Fuentes. “Entretanto, apesar dos embates da realidade, Dom Quixote insiste em ver gigantes onde só existem moinhos de vento, e exércitos de rapazes fortes onde só há rebanhos de ovelhas. Ele os vê porque assim lhe dizem as leituras. Sua leitura é sua loucura (...) A incerteza moderna de Dom Quixote não exclui, todavia, a persistência de valores que a modernidade deve preservar ou prolongar para não se dispersar moralmente.” Carlos Fuentes, *Este é meu credo*, Rio de Janeiro: Rocco, 2006. p, 195/196

período conhecido como *pathos* revolucionário, (1974-1976) vemos a maioria dos escritores, investindo energia e fôlego em uma escrita não ficcional, alocados nos mais variados órgãos de divulgação do país. Era o exercício da escrita diária que dizia respeito à urgência que o período revolucionário exigia, mas que também evidenciava uma necessidade de re-aprender o lugar da escrita ficcional ou, se quiserem, o lugar da Literatura no novo contexto de liberdade. A fragmentação daquela frágil, mas existente comunhão, criada a partir da frente anti-fascista, colocou na ordem do dia uma nova definição do campo literário português ao mesmo tempo em que foi delineando uma nova concepção de escritor intelectual que atua na e pela escrita.

José Cardoso Pires, em seu livro de ensaio *E Agora, José?*, editado em 1977, recolhe uma série de textos que tentam dar conta das discussões do período, sistematizando suas reflexões orgânicas sobre o ofício de escritor – de um homem que se define e se insere em seu contexto histórico-social na e pela literatura. *E agora, José?* é, como veremos, simultaneamente uma interrogação e uma resposta ao novo país que estava sendo delineado naquele momento. Tal indagação funcionará como um *leitmotiv* desta tese, na medida em que coloca em cena um momento presente (1974), um tempo passado (a ditadura) e um futuro almejado (a liberdade), e também funciona, como veremos, como um dos mais contundentes procedimentos de escrita de José Cardoso Pires. Pois, rememorar e futurar é, para Cardoso Pires, uma condição incontornável para conhecer o presente.

E cá voltamos nós ao modo josé. O modo josé, pelos vistos, é a pederneiras dos poetas quando vêm para o espelho.

Rememorar e futurar, o mal é esse.⁵

No primeiro capítulo desta tese, intitulado “Escritores sob o signo da incomodidade”, iremos mostrar, sempre acompanhando a trajetória exemplar de Cardoso Pires, a conformação deste grupo de escritores e a circularidade da literatura na sociedade portuguesa anterior ao 25 de abril. Nele veremos que o grande marco provocado pela Revolução dos Cravos na sociedade portuguesa

⁵ José Cardoso Pires, *E agora, José?* p.269. . incompleta

colocou uma questão de ordem prática aos escritores e operou uma ruptura no próprio fazer da Literatura.

Escrita livre, escrita livre, não mais a palavra torturada nem o *ghetto* do pensar. E no entanto, passados dois anos de independência, olhamos para trás, vemos reformas, socialização, vida aberta, e nem só um escritor, nem um só grande livro nascido da Revolução. Diríamos que ao terror da Ditadura se tinha sucedido o silêncio da liberdade – sucedeu?⁶

No segundo capítulo, buscaremos compreender a caracterização que Ricardo Piglia faz do leitor como uma alegoria do intelectual. É através do mapeamento do lugar da Literatura na vida dos escritores que viveram sob regimes de exceção que poderemos encontrar algumas chaves de leitura para a função que a Literatura exerce nestes contextos.

Veremos como o marco revolucionário do 25 de Abril não serviu para que Cardoso Pires, finalmente “escritor-cidadão” pleno da palavra, descuidasse de sua missão de buscar uma legibilidade para a sociedade portuguesa. Muito pelo contrário, talvez a partir daí tenha reforçado sua atuação, por entender que a democracia tantas vezes almejada exige uma atenção redobrada por parte dos escritores-cidadãos.

A luta política, aquela que vai às raízes, é uma técnica de construir felicidade. O livro e a arte enriquecem o homem, é certo; mas não é menos certo que não se pode escrever ou desenhar a palavra Amor, indiferente às vítimas do ódio que nos rodeiam ou ignorando as desigualdades e os pavores. Se hoje o meu, o nosso orgulho de cidadãos é o de, pela primeira vez, podermos adormecer com a consciência de que ninguém neste país está a ser torturado, isso só exige que defendamos esse privilégio com vigilância dobrada

⁶ José Cardoso Pires, *E agora, José?* p.224. incompleta

e que escrevamos a tal palavra Amor com maior beleza e imaginação.⁷

E, finalmente, no terceiro capítulo, buscaremos elencar algumas das principais linhas de força da obra de Cardoso Pires. Embora muitas destas indicações já tenham sido feitas ao longo dos dois primeiros capítulos, neste capítulo final pretendo aprofundá-las e localizá-las no *corpus* documental da obra do autor. São pelo menos dois os objetivos desta sistematização – funcionar como uma espécie de mapa das discussões presentes na obra de Cardoso Pires e, com isto, articular e propor novas leituras sobre a obra do autor. Pensar em que medida podemos lê-lo hoje, a partir de novas questões caras às teorias literárias contemporâneas, fundamentalmente aquelas que procuram pensar os novos realismos, o papel do escritor como intelectual e a chamada literatura de testemunha⁸.

⁷ José Cardoso Pires, *E Agora, José?* Lisboa: Dom Quixote, 1999, p.100

⁸ Todas estas são linhas de pesquisa desenvolvidas pela Cátedra Padre António Vieira de Estudos Portugueses, na PUC-Rio, coordenadas pelos professores Izabel Margato e Alexandre Montauray.